

Acusado de atacar Sarney se diz bode expiatório

Angela Regina Cunha

"Vivo em situação pior do que se estivesse preso. Parei de estudar e trabalhar, tenho de ficar escondido, me autovigilando, olhando para os lados. Minha família tem sido freqüentemente incomodada e minha casa já foi invadida e revistada várias vezes em um mesmo dia por agentes da Polícia Federal. E não cometí crime algum".

O desabafo, em entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL, é do estudante de Ciências Sociais da UFF e gerente da Associação de Funcionários do IBGE, Cláudio Luís Feitosa Felipeto, 23 anos, que está sendo procurado pela Polícia Federal desde que teve prisão preventiva pedida pelo delegado Carlos Mandim, sob a acusação de ter participado dos incidentes da Praça XV no mês passado, quando o ônibus em que viajavam o presidente José Sarney e sua comitiva foi apedrejado.

Fotogênico — Identificado por fotografias analisadas pela Polícia Federal, que o procurou em seu emprego, Felipeto apresentou-se normalmente à polícia, contou sua participação nas manifestações contra Sarney mas teve sua prisão pedida com base na lei de Segurança Nacional. "A Polícia Federal me identificou por minha razoável fotogenia e por não poder indicar as outras três mil pessoas que, acredito, estiveram naquela manifestação", disse Felipeto

que é filiado ao PDT — "filiado mas não militante" —, votou em Saturnino Braga e Darcy Ribeiro mas, nas eleições de 82, escolheu candidatos do PT.

Felipeto mede 1,65m, pesa cerca de 60 quilos, tem olhos e cabelos castanhos, usa barba e bigode. Solteiro, mora com os pais em Realengo e ganha na Associação de Funcionários do IBGE Cz\$ 9 mil mensais. Tem namorada, mas prefere não dizer o nome dela para evitar possíveis perseguições por parte da polícia que, segundo ele, já revistou sua casa várias vezes nas últimas semanas em busca de megafone que ele usou por alguns minutos na manifestação na Praça XV.

"Não nego que estive nas duas manifestações, em frente à Academia Brasileira de Letras e no Paço Imperial. Mas não joguei pedras em ninguém, nem incitei a multidão porque acredito que isso não leva a nada. A insatisfação popular com o desemprego e a falta de perspectiva de dias melhores fazem com que a multidão proteste através de meios que nem sempre demonstra uma boa articulação política. Mas respeito o direito da multidão de protestar. Só que, num momento de paixão, a ação violenta se generaliza e fica difícil de reverter o processo".

Não sabia — Escondido há 10 dias, Felipeto aguarda que seu advogado, Felipe Amodeo, consiga levar o processo para a esfera judicial. Diz que não teme ser preso — "não

sofro de claustrofobia" — mas considera a Lei de Segurança Nacional "abominável, embora hoje em dia seja defendida por gente que subiu em palanques para criticá-la". Felipeto diz que no dia dos incidentes estava na Associação quando foi atraído pelo barulho das manifestações na ABL — que fica em frente ao prédio onde trabalha. "Nem sabia que o presidente Sarney estava no Rio naquele dia, ainda não tinha lido os jornais", garante o estudante.

Para ele, as manifestações — "espontâneas, sem direcionamento ou comando" — foram motivadas pelo horário escolhido para o presidente passar com sua comitiva pelo Centro do Rio, pela insatisfação popular e pelo anseio por eleições diretas. A vida de foragido já levou Felipeto a confundir data e horários. Refere-se à segunda-feira como quinta-feira, ao falar do dia em que chegou de Brasília o pedido de sua prisão preventiva.

"Resolvi me esconder porque minha prisão não é justa, ainda mais com base na Lei de Segurança Nacional. Além disso, não joguei pedras e quero ter o direito de me defender em liberdade. Afinal, tenho emprego fixo, domicílio conhecido e nunca entrei em uma delegacia sem ser como vítima. Nunca estive envolvido em nenhum movimento" afirma Felipeto.

Sobre o fato de ter sido enquadrado na LSN, Felipeto diz que se sente como bode expiatório da Polícia Federal e do Governo que querem dar uma demonstração de força."

JORNAL DO BRASIL

21 JUL 1987